

POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA NO GOVERNO DILMA ROUSSEFF: ANÁLISE ECONÔMICA COM FOCO NA POLÍTICA EXTERNA

Antônia De Jesus Araújo Ribeiro¹

RESUMO

A pesquisa parte da hipótese de que o estilo de governo de Dilma Rousseff influenciou de forma cabal nas suas atitudes em relação a execução da política externa. É notório que o governo de Rousseff buscou de uma certa forma dar continuidade às políticas externas de Lula, porém, apesar da ligação partidária, percebe-se que os dois governantes possuem escancaradas divergências na forma de conduzir essa política. Enquanto Lula possuía uma atitude bem mais ativa, a sua sucessora já era bem mais contida, impessoal, imediatista e menos ativa. Baseado nessa hipótese, faz uma pesquisa entre artigos e autores renomados objetivando analisar a perda da credibilidade brasileira no mercado internacional olhando para nossa política interna. Assim vamos identificar as principais rupturas e continuidades durante o governo de Rousseff, revisando bibliograficamente as principais características atribuída pela política externa do Brasil no período do governo de 2011 a 2014. Por fim, vamos concluir que a atuação mais tímida de Dilma Rousseff em comparação ao seu antecessor teve impacto menos positivo na política externa de nosso país.

Palavras chave: Dilma Rousseff. Mercado Internacional. Política Externa.

1 INTRODUÇÃO

Ainda que o boa parte do período do governo petista foi contemplado com altos índices de popularidade desde o governo Luiz Inácio Lula da Silva até parte do Governo Dilma Rousseff, nos últimos anos de governo se deixou de realizar reformas estruturais de suma importância, que hoje o Brasil sente muita falta ao passar por essa crise econômica internacional, ainda mais que a concorrência de mercado anda cada vez mais acirrada.

Partindo para analisar que este governo começou a perder sua credibilidade a partir do momento em que abriu mão do tripé econômico criado e organizado no governo Fernando Henrique Cardoso, e que foi o sustentáculo mais forte e vertiginoso para o crescimento do governo Lula, percebe-se uma nebulosidade, no entanto, é possível se verificar as possíveis consequências.

Assim, esta pesquisa pretende trabalhar o assunto da política externa, que segundo, Borelli (2016), é uma espécie de política pública definido em um conjunto de medidas, de decisões e de programas que o governo de um determinado país usa

¹ Graduanda no curso de Relações Internacionais pela UNINTER

para dinamizar as suas ações políticas no meio internacional. O nosso tema, mais especificamente a ser abordado é a política externa brasileira durante o governo Dilma Rousseff, partindo desse ponto fazendo uma análise econômica.

Essa pesquisa objetiva analisar o impacto da perda de credibilidade econômica internacional do Brasil olhando para a política econômica doméstica durante o governo Dilma Rousseff. Dentro dessa perspectiva pretende-se analisar os modelos econômicos nacionais e os fatores internos e externos que trouxeram a crise econômica, bem como a fuga de investidores durante esse governo petista. Ainda se quer identificar as possíveis falhas cometidas na política econômica nesse governo, buscando compreender o que levou a queda da credibilidade dos investidores.

Durante os 14 anos de governo petista, sendo 8 anos de Luís Inácio Lula da Silva (2003 – 2010) e 6 de Dilma Rousseff (2011 – 2016), os índices de popularidades tiveram picos altos. No entanto, nos últimos anos, dentro do governo Dilma, essa popularidade foi caindo abruptamente. Nesse período percebe-se que o governo não realizou reformas estruturais de suma importância, que fazem falta nesse momento de crise internacional e que a concorrência de mercado é instigada. Isso levou o país a um declínio na credibilidade internacional para investimentos.

Como justificativa, essa pesquisa visa identificar as principais rupturas e continuidades potenciais no período do governo Dilma Rousseff (2011 – 2016), analisando os aspectos que contribuíram para o enfraquecimento econômico do país e para a perda dos investimentos internacionais. Revisando bibliograficamente as principais características atribuída pelas políticas externas do Brasil no período desse governo supracitado, baseando-se, também, em pronunciamento de chefes de Estado.

O trabalho proposto vem apresentar como problemática o seguinte questionamento: quais variáveis determinaram na diminuição de investimentos financeiros no Brasil no governo Dilma Rousseff? Buscando a partir de então esta temática dentro do governo Rousseff, entendo o que levou ela a proporcionar um crescimento econômico pífio, tentando compreender, ainda, o motivo dos investidores se posicionarem receosos em investir em nosso país.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Em outubro de 2010, Dilma Rousseff foi eleita como a primeira mulher presidente do Brasil, alcançando 56.06% dos votos válidos (mais de 55 milhões de votos),

desbancando o seu opositor do PSDB, conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral (2010) e Riediger (2014).

Durante o seu discurso de posse, a então presidente deixou claro que continuaria com as políticas domésticas e externas iniciadas no governo Lula. Na sua fala, ela disse:

“...nossa Política Externa estará baseada nos valores clássicos na tradição diplomática brasileira: promoção da paz, respeito ao princípio de não intervenção, defesa dos direitos humanos, fortalecimento do multilateralismo. [...] Seguiremos aprofundando no relacionamento com nossos vizinhos sul-americanos, com nossos irmãos da América Latina e Caribe, com nossos irmãos africanos e com os povos do Oriente Médio, e dos países asiáticos. Preservaremos e aprofundaremos o relacionamento com os Estados Unidos e com a União Europeia. Vamos dar grande atenção aos países emergentes (ROUSSEFF, 2011).

No artigo “A Política Externa de Dilma Rousseff: menos do mesmo” de Andrés Malamud (2011), há uma projeção das possibilidades do governo Dilma, no qual, apesar das propostas descritas no programa deste governo, as tendências dessas novas projeções eram sustentadas por um substrato comum, o desejo de continuar com o protagonismo internacional, porém combinada com medidas de retração e reorientação.

É notório que o governo da presidente Rousseff enfrentou vários problemas, e mais profundamente a crise financeira internacional, levando esse governo a lidar com um cenário internacional totalmente diferente do vivido pelo governo anterior (SILVA, 2015). Assim, com esse cenário construído, esperava-se que o governo refizesse algumas de suas propostas iniciais em função da desaceleração do crescimento.

Com este cenário já montado, percebeu-se que a presidente mudou o perfil de conduta da política externa brasileira, transformando-a em uma diplomacia de resultados através de conversas com a sociedade civil e empresários. Nery (2011) afirma que essa forma de conduta outrora adotada pelo governo corresponde à relação entre Brasil e China. Desde de 2011 que a China se tornou o principal parceiro comercial da nossa nação.

O governo do PT, nessa gestão, ainda realizou bem menos viagens presidenciais se comparado com os dois mandatos do governo petista anterior, contribuindo para a mudança na forma de condução da política externa brasileira. Segundo Corne-

tet (2014), a presidente Dilma realizou cerca de 30% de viagens internacionais a menos que o Lula no primeiro mandato e 50% a menos que o segundo mandato desse presidente.

Ne período Dilma Rousseff, o comercio amarga os efeitos da crise, pois a diminuição forte do crescimento econômico do país atingiu a capacidade de exportação, bem como o orçamento para financiamento de projetos de cooperação técnica (CERVO e LESSA,2014).

Cornetet (2014) classifica o governo Dilma como uma “Contenção de continuidade”, pois, além do já exposto, este governo ainda reduziu número de vagas para novos diplomatas, pelo menos 75% a menos que o governo anterior.

Por outro lado, visando mitigar as consequências advindas da crise, o governo da presidente Dilma criou o banco dos BRICS e o fundo de investimento para enfrentamento de crise, fortaleceu as iniciativas do país junto a UNASUL e a CELAC (Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos), assegurou a entrada da Venezuela no MERCOSUL, abrindo a oportunidade para entrada de novos membros, enfim, permaneceu com a política externa do governo antecedente no que tange às relações Sul-Sul (JAKOBSEN, 2014).

Ainda nessa perspectiva, a ex-presidente realizou a Conferência Rio+20 em 2012 e sustentou programas de assistência social e de combate à pobreza como o Programa PAA-África, todos no continente africano. Gama (2014) informa que nesse governo, nossa nação lutou por uma reforma do sistema multilateral, pela defesa dos direitos humanos, da democracia e da integridade territorial dos Estados.

Assim, esse trabalho visa analisar os modelos econômicos utilizados pelo governo da ex-presidente Dilma Rousseff, que levou a perda da credibilidade do nosso país diante da economia internacional.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada para a construção deste trabalho se deu basicamente por meio de pesquisa documental. Alguns jornais de âmbito nacional, algumas atas de reuniões do Banco Central, dados coletados nos sites da Agência Reuters e do Bloomberg, serviram como parte integrante das fontes de pesquisas.

O artigo “A Política Externa de Dilma Rousseff: menos do mesmo” de Andrés Malamud (2011), as obras de Cervo e Lessa e as de Cornetet terão forte influência na

formulação da pesquisa. Além desses, tantos outros autores que tratam do assunto em tela serão abordados em todo o desenvolvimento da ideia central da pesquisa.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, reunindo os principais tópicos sobre o assunto trabalhado, buscando explaná-lo sem esgotar as possibilidades de aprofundamento. Será uma pesquisa qualitativa que, segundo Melo (2001), trata-se de uma interpretação da realidade, na qual o pesquisador tem o interesse de investigar algo mais subjetivo. Em outras palavras, será uma pesquisa que demonstrará interpretações do pesquisado sobre o tema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O governo de Dilma Rousseff iniciou com um tão grande otimismo advindo do farto crescimento econômico protagonizado durante o governo Lula. Os fatores que contribuíram para este tão grande otimismo são os resultados econômicos positivos, as possíveis reformas das instituições financeiras internacionais e a reabertura da Rodada de Doha da OMC pelos países emergentes, que sofreram com a crise de 2008, porém tiveram alto crescimento, as promessas do governo americano de findar com os ataques ao Iraque e ao Afeganistão e a primavera árabe, marcada pelo otimismo na democratização e solução pacífica dos conflitos no Oriente Médio (GAMA, 2014).

No entanto, algum tempo depois, este otimismo cessou, pois, a Primavera árabe trouxe como consequências uma nova ditadura no Egito, a Líbia com uma intervenção armada, Israel intervindo em Gaza e na cruzada contra o Estado Islâmico na Síria e Iraque originado pelos EUA e coalizão. Em se tratando de uma visão mais continental, o Mercosul e a Unasul foram impactados pela crise político econômica na Argentina, no Paraguai e na Venezuela. As resistências da economia do G-8 afetaram as instituições financeiras internacionais, atrapalhando a reforma dessas instituições (GAMA, 2014).

Assim, as opções de ação de Dilma Rousseff ficam limitadas em relação a política internacional. Conforme Cornetet (2014), o perfil administrativo da presidente passou a ser de contenção em suas ações em relação a este ponto, afetando, assim, o Brasil na inserção na política econômica. Segundo Cervo e Lessa (2014), analisando o primeiro mandato de Dilma no que concerne a um declínio na economia internacional expõem duas vertentes que podem explicar tal processo, eles dizem:

Em primeiro lugar, a inexistência de ideias força, ou seja, de conceitos operacionais com capacidade de movimentar sociedade e Estado em torno de estratégias de ação externa; em segundo lugar, obstáculos acumulados pelo Estado com perda de eficiência da função gestora de caráter indutor (CERVO; LESSA, 2014, p.133)

A Dilma Rousseff é desenvolvimentista, pois antes de ser petista, a ex-presidente iniciou sua carreira política no partido do Leonel Brizola (PDT), entrando no PT somente em 2001. Isso é o que faz dela desenvolvimentista e, também, nacionalista. Dessa forma, ela se torna uma veemente defensora da participação do Estado brasileiro como um agente regulador da economia, induzindo a nação ao crescimento. A impessoalidade, também é marcante na política externa de Rousseff (SORJ, 2014 apud. BELLESA, 2014).

Trazendo-se, agora, uma comparação entre a política de Lula e a de Dilma, destaca-se que uma das questões diferentes é a impessoalidade no trato da Política Externa, além dessa também cito que o governo da presidente tratou de modo distinto ao anterior as questões referentes aos Direitos Humanos, devido ao voto que nossa nação deu em favor do envio de um relator que investigasse violações a esse direito no Irã.

até o momento, para especialistas na área das Relações Internacionais, esta posição – a defesa dos Direitos Humanos — é a grande mudança ocorrida na política externa do Brasil, em relação ao Governo Lula. O voto do Brasil a favor das investigações sobre violação de direitos humanos no Irã criou polêmica e foi interpretada por muitos como uma reaproximação aos EUA após um esfriamento das relações ocorrido no ano passado por causa da amistosa posição do Brasil para com o país do Oriente Médio. O Brasil vinha sendo criticado, principalmente pelos EUA e países do ocidente, ao não condenar regimes considerados autoritários como a Coreia do Norte e o Irã. No caso iraniano, o Brasil colocava-se como "negociador" junto às potências sobre o programa nuclear iraniano (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2011, p.1).

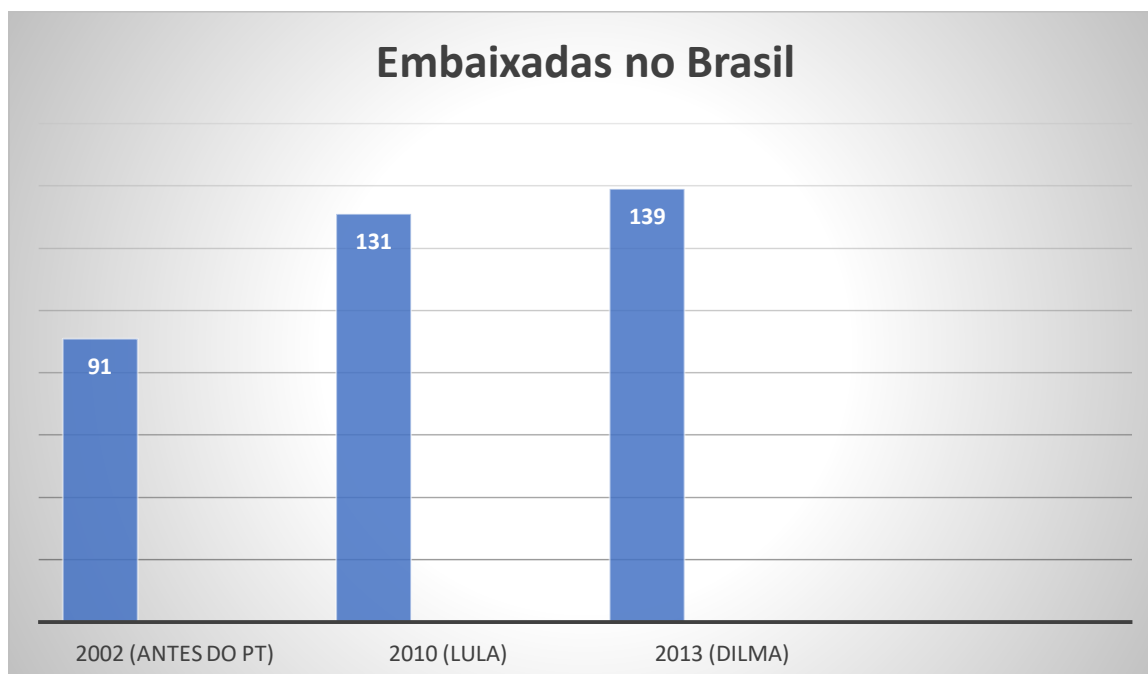
Entre os elementos indicadores que caracterizam o perfil da Política Externa brasileira neste governo com um ativismo maior ou menor, destacamos: a diplomacia presidencial, a expansão do corpo diplomático e a abstinência nos debates estratégicos. Danese (1999) define essa diplomacia presidencial como uma “condução pessoal de assuntos de política externa, fora da mera rotina ou das atribuições ex-ofício [sic], pelo presidente, ou no caso de um regime parlamentarista, pelo chefe de estado e/ou pelo chefe de governo”.

Apoiado em informações obtida no site oficial da Presidência da República Federativa do Brasil nota-se que houve uma redução nos números de viagens realizadas pela Dilma em comparação com seu antecessor, no entanto, ambos tiveram enfoque

mais central no continente americano, em primeiro lugar, seguido do europeu e do africano (CORNETET, 2014).

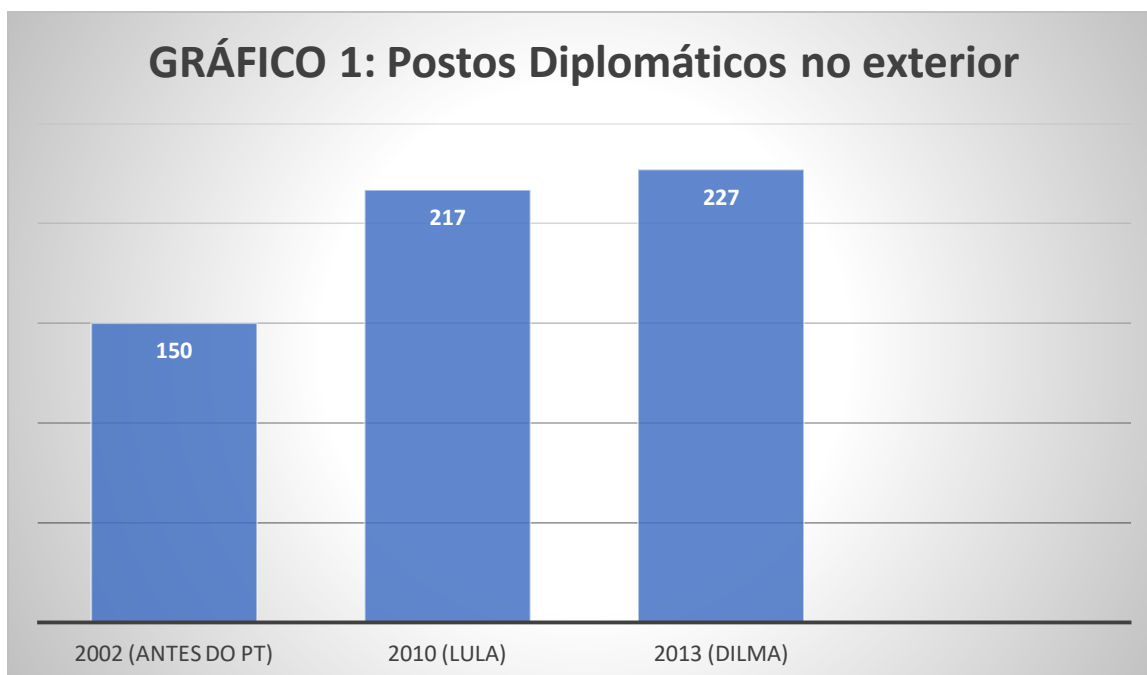
Lessa (2015) deixa claro que as viagens presidenciais são uma medida interessante no que tange à valoração dada a importância da política externa em seu governo. Aplicando esse conceito no governo Rousseff, percebe-se um pretencioso desinteresse por parte da governante, o que Lessa (2015) conclui que quanto mais lento o funcionamento da política externa, mais letos serão os resultados. Esse número reduzido de viagens traz consequências a médio e a longo prazos, uma vez que as decisões tomadas em reuniões de líderes nacionais refletem de forma direta ou indireta em questões comerciais e políticas. E o Brasil estanho fora dessas tomadas de decisões tem seus interesses não contemplados. (UEHARA, 2015, apud SCHREIBER, 2015, n.p.)2010

Outras situações que foram decisivas na medição do ativismo da política externa nacional foram a expansão ou retração dos diplomatas brasileiros no exterior e dos diplomatas no Itamaraty. De acordo com Cornetet (2014), o crescimento anual de postos diplomáticos no exterior no período Lula foi quase o dobro que no período Dilma, conforme gráficos abaixo:



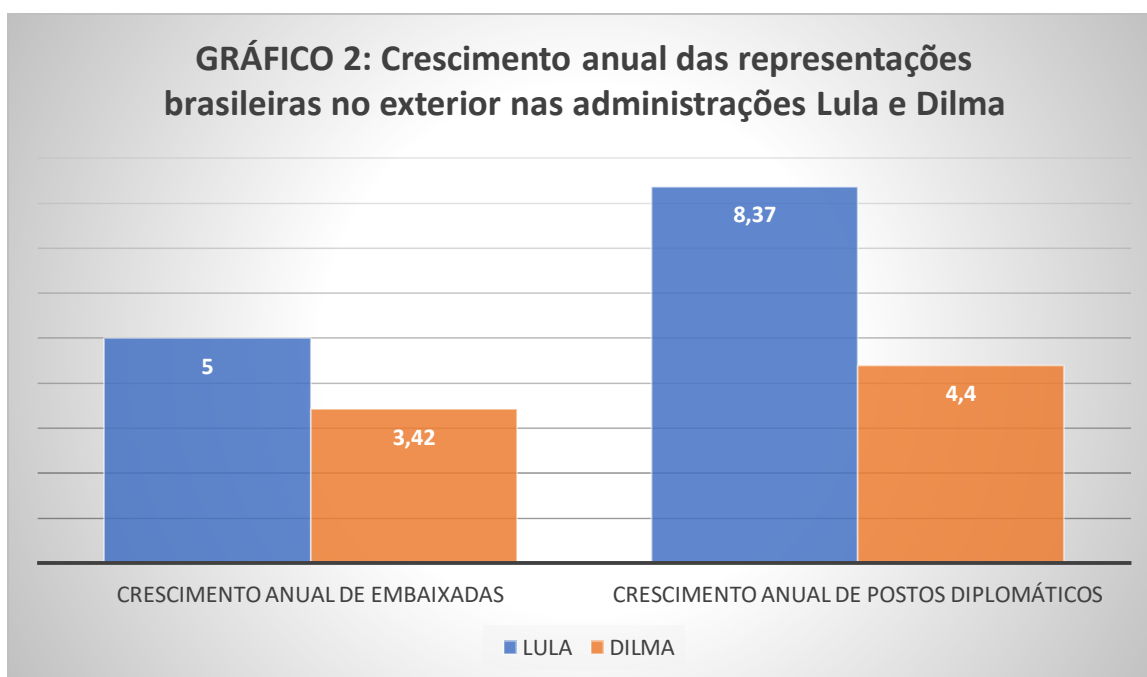
Fonte: elaborado por CORNETET (2014, p.124) com base nos dados de FLECK (2013).

GRÁFICO 1: Postos Diplomáticos no exterior



Fonte: elaborado por CORNETET (2014, p.124) com base nos dados de FLECK (2013).

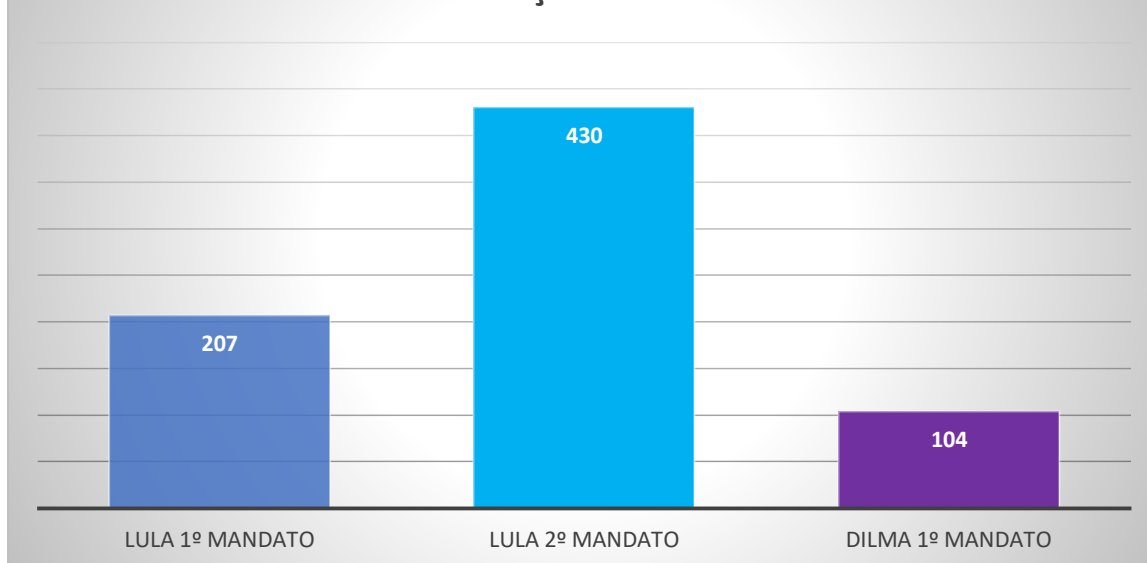
GRÁFICO 2: Crescimento anual das representações brasileiras no exterior nas administrações Lula e Dilma



Fonte: elaborado por CORNETET (2014, p.124) com base nos dados de FLECK (2013).

Segundo o Instituto Rio Branco, ainda entre os anos de 2003 a 2010, houve um representativo aumento das vagas para o corpo diplomático brasileiro durante o Governo Lula, e um baixíssimo crescimento durante o governo Dilma, como no seguinte gráfico:

GRÁFICO 3: Vagas ofertadas no Instituto Rio Branco nas administrações Lula e Dilma



Fonte: elaborado por CORNETET (2014, p.122) com base em dados do CESPE UNB (2014).

A substituição do Ministro Patriota pelo Ministro Alberto Figueiredo aliado a ausência brasileiras em importantes debates internacionais prejudicou a posição do país em um cenário a nível internacional. Oliver Stuenkel (2014) é um dos maiores críticos da dupla Rousseff e Figueiredo, ele afirma que a ausência do Brasil nos maiores debates internacionais trouxeram consequências fortes, tal como o não acompanhamento em primeira mão das principais questões internacionais.

Stuenkel (2014) ressalta dois momentos como oportunidades perdidas sobre debates de segurança que foram a Conferência de Genebra II, discutindo a crise na Síria e a Conferência de Segurança em Munique, onde se reunirão as principais autoridades em segurança internacional. Stenkuel (2014) destaca:

[...] o debate não é só sobre a Síria, mas sobre como a comunidade internacional lida com situações assim. Isso pode acontecer num país em que o Brasil tem fortes interesses econômicos, como Angola, e aí já se estabeleceram regras pra lidar com esse conflito das quais o Brasil não participou (STUENKEL, 2014).

Essa pouca participação do Brasil em grandes reuniões internacionais revela uma imagem de um governo de posição secundária, passiva e não ativa nem ativa no que diz respeito à política externa. Para Holzhacker (2014):

...o governo Dilma adotou uma visão pragmática que prioriza as questões domésticas e, no plano internacional, as discussões econômicas nas quais o país tem interesse direto (...) na visão da presidente [têm] que ser ligado[s] a questões econômicas. Nessa lógica, participar de fóruns para construir soluções e consenso não parece tão interessante (HOLZHAECKER, 2014, apud, MONTEIRO, 2014).

Como está evidenciado nas informações acima dispostas é notório que a realidade da política externa brasileira no governo Dilma Rousseff está exatamente como descrito por Malamud no começo do mandato. E apesar dos elementos de continuidade com o período de Lula, percebe-se o escancarado recuo da nossa política externa nesse período, caracterizado pela contenção sem alterações de seus objetivos, porém com iniciativas mais contidas, diminuição nas viagens internacionais e nos cargos diplomáticos.

Essa contenção na política externa fica bem notório no governo Rousseff quando comparada a grande ênfase que essa política recebeu no mandato de Lula. A continuidade aos trabalhos do governo antecedente no que tange a essa área são reais, porém menos enfaticamente, tendo uma mudança mais retórica que de conteúdo, isso devido ao contexto internacional em que o governo petista de 2011 a 2014 estava inserido, ou seja, mais fechado e menos disposto às ambições brasileiras e, também ao estilo de governar de cada líder de Estado, no nosso caso, uma presidente mais impessoal e menos ativa na política internacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentava como objetivo analisar o impacto da perda de credibilidade econômica internacional da Brasil para a política econômica doméstica durante o governo Dilma Rousseff. Para garantir esse objetivo a pesquisa se estruturou por meio de uma pesquisa bibliográfica de artigos aliado a obras de autores renomados que tratassem de forma eloquente e dinâmica o assunto em tela.

Dessa forma, nesta pesquisa, foi possível constatar que durante o governo Dilma Rousseff, houve uma maior contenção nas atividades relacionadas à política externa, principalmente quando comparada ao ativismo de Lula, antecessor a esta presidente. Percebeu-se que a partir do governo Rousseff o Brasil começou a ser menos positivamente visto no cenário do mercado internacional. Esse resultado apresentado nesta pesquisa, de um certo ponto de vista, se deve ao baixo ativismo na administração governamental de Dilma, aliada a Patriota e Figueiredo no que tane a política externa.

Neste governo, deu-se mais importância à política doméstica deixando em segundo plano a política exterior, trazendo como consequência a diminuição da voz brasileira em negociações internacionais, criando, a partir de então, um buraco no agir do Brasil no âmbito internacional, refletindo em várias situações no Brasil. Quando Dilma assume a presidência do Brasil, não foram alteradas as diretrizes da política externa. Essa política se mantém sem alinhamentos definidos com antecedência, soberana e defensora dos princípios da diplomacia do Brasil. Por outro lado, esse governo iniciou, na prática, com uma política externa mais limitada e tímida, ou seja, bem diferente da executada por Lula. Assim, o que caracterizou a política externa nesse governo foram a impessoalidade e o imediatismo da presidente. Além desses, os outros indicadores que foram preponderantes no menor ativismo político de Dilma na política externa foram a ausência do Brasil em debates estratégicos internacionais, a baixa na aplicação da diplomacia presidencial e a baixa expansão do corpo diplomático brasileiro.

Enfim, não dá para dimensionar, tão pouco determinar qual dano essa nova orientação em relação à política externa irá causar a imagem da nossa nação a longo, médio ou curto prazo. No entanto, é mister ressaltar que a posição de uma nação dentro do sistema internacional e totalmente dependente de que forma a sua imagem é notada e percebida nesse cenário. Assim, uma atuação mais tímida e contida está passível de ocasionar perda de credibilidade do país, que pretende está consolidado em um atuante proeminente nas Relações Internacionais.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. **Dilma muda política e reduz idas ao Exterior**. Gazeta do Povo. São Paulo, 5 mai. 2014. n.p. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/dilma-muda-politica-e-reduz-idas-ao-exterior8tsp43fyeojeamb5h5pu3xr9>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

BELLESA, Mauro. **A política externa brasileira sob o olhar crítico de Bernardo Sorj**. 2014. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/bernardo-sorj>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Estatística e resultado das eleições 2010**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/estatisticas>>. Acesso em 01 abr. 2017.

CERVO, Amado L; LESSA, Antônio C. **O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014)**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 57, n.2, p.133-51. 2014.

CORNETET, João M. C. **As políticas externas de Lula da Silva e de Dilma Rousseff: uma análise comparativa**. 53p. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do sul - Porto Alegre. 2014.

DANESE, S. **Diplomacia Presidencial**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.

GAMA, Frederico P. S. **Conquistas e Desafios da política externa de Dilma Rousseff**. Carta Maior. Disponível em: < <http://migre.me/t7W6c> > Acesso em: 24 fev.2017.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Perspectivas da Política Externa no governo Dilma Rousseff**. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/cepat/cepatconjuntura/500012-conjuntura-da-semana-perspectivas-da-politica-externa-no-governo-dilma-rousseff>>. Acesso em: 8 abr. 2017.

JAKOBSEN, Kjeld. **A vitória de Dilma e o futuro da política externa**. Carta Capital. 27 out.2014. Disponível em: < goo.gl/EhlWOA > Acesso em: 26 jun. 2017.

MALAMUD, Andrés. **La política externa de Dilma Rousseff: ¿menos de lo mismo?** Iberoamericana: América Latina, España, Portugal, n. 41, 2011, p. 174-179. Disponível em: <<http://www.eui.eu/Personal/Researchers/malamud/Iberoamericana2010-Dilma.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação teorias e temas**. 8. ed. São Paulo: Vozes, 2001.

MONTEIRO, Vinicius de Souza. **Com Dilma, o Brasil perdeu força na política internacional?** 2014. Disponível em: <<http://vinicius94.jusbrasil.com.br/noticias/113183437/com-dilma-o-brasil-perdeu-forca-na-politica-internacional>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

NERY, Natuza. **Dilma cobra do Itamaraty diplomacia de resultados**. Folha de São Paulo, Brasília, 28 mar 2011. Disponível em: < goo.gl/IWsi3F >. Acesso em: 19 jun. 2017.

RIEDIGER, Bruna Figueiredo. **A política externa Brasileira para o mundo árabe: uma análise dos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff (2003-2013)**. 123 p. Dissertação (Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais). Universidade Federal do Rio Grande do sul - Porto Alegre. 2014.

ROUSSEFF, Dilma. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Vana Rousseff, durante a cerimônia de posse no Congresso Nacional**. In: BRASIL. MRE. Diplomacia pública: discursos e entrevistas. Brasília, 01 jan.2011. Disponível em: < <http://www.itamaraty.gov.br/>> Acesso em: 04 abr.2017.

SILVA, P. H. **Política externa de Lula a Dilma: Contenção, declínio ou ajustes? Relações Internacionais**. Disponível em: < <http://migre.me/t7W7H> > Acesso em: 02. Dez. 2017.

SCHREIBER, Mariana. Dilma viaja menos da metade que Lula ao exterior. **BBC, São Paulo**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150113_dilma_viagens_internacionais_ms_lgb>. Acesso em: 19 mar. 2017.

STUENKEL, Oliver. O risco do recuo estratégico brasileiro. Folha de São **Paulo**. São Paulo, 10 mar. 2014. p. 1-3. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/03/1422485-oliver-stuenkel-o-risco-do-recuoestrategico-brasileiro.shtml>>. Acesso em: 4 abr. 2017.